

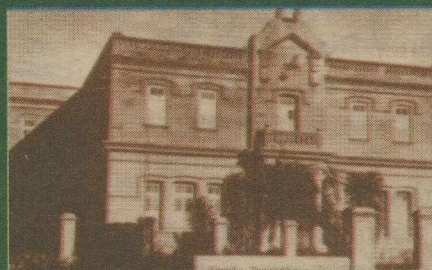
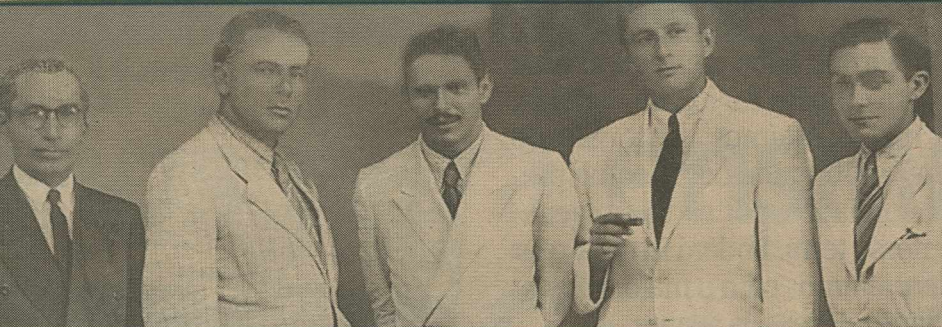
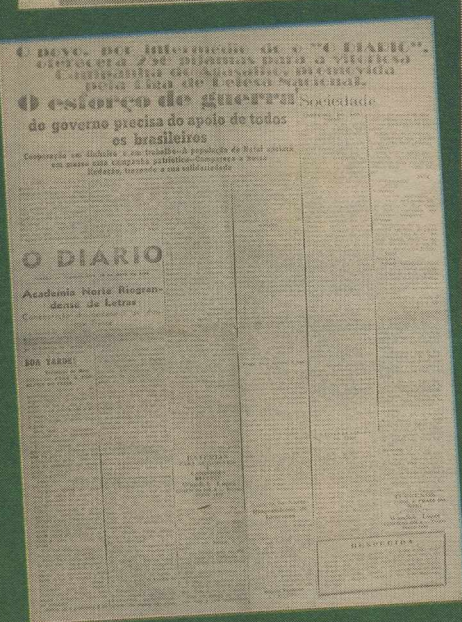


# EDUCAÇÃO



Fotos Emanuel Amaral, Arquivo DN, reproduções Frankie Marcone e fotos extraídas do livro de Claude Smith

## O DIÁRIO



## EA II GUERRA

ANTES, UM INSTRUMENTO DE DIVULGAÇÃO DO CONFLITO, HOJE UMA FONTE DE PESQUISA EM SALA DE AULA

NESTA EDIÇÃO



A equipe de produção do DN Educação

Ao completar 65 anos, o DIÁRIO DE NATAL, através do DN Educação, faz uma coletânea de sua história durante a II Guerra Mundial, conflito que transformou o cotidiano de Natal, com a instalação da base aérea americana em Parnamirim. Esta edição traz um balanço das edições do DIÁRIO, além da análise de pesquisadores e historiadores sobre os fatos históricos, feita especialmente para estudantes.

DN EDUCAÇÃO

Diretor Geral:

Albimar Furtado

Promoções e

Projetos Especiais

Afonso Laurentino Ramos

Editor do Suplemento:

Valéria Credidio

Reportagens

Adriana Amorim

Revisão

Francisco Francerle

Diagramação

Silvana Belkiss

Telefone: 220 0163

valeria@diariodenatal.com.br

EDITORIAL

# O DIÁRIO

O aparecimento deste jornal, antes de tudo, é uma necessidade vital para o nosso meio. Em verdade, há muito tempo não possuímos um órgão de imprensa vespertino e sobretudo diário como pretendemos manter, confiados, por certo, no generoso acolhimento do povo de nossa terra. Poderá isso parecer uma idéia temerária mas a interpretamos com o maior otimismo, animados da grande confiança de levá-la avante.

O DIÁRIO só terá uma missão a cumprir: servir ao público. E servir com o melhor elemento - sinceridade. É um jornal ligeiro, pequeno, informativo, noticioso, em cujas páginas tudo que se relacione com os interesses da coletividade norte-rio-grandense contará um veículo de ampla divulgação. Consignará fatos e novidades, propondo-se, ainda, a fazer uma síntese, rápida mas elucidativa, da vida progressista do Rio Grande do Norte. Um vasto serviço telegráfico do país e do estrangeiro, abordando principalmente angustiada situação do Velho Mundo, onde se desenrola, mais sangrento e mais impressionante o drama de 1914, caracterizará a finalidade da presente publicação.

Eis, em linhas gerais, o nosso programa de trabalho e de ação. Dentro desse programa, havemos de trilhar o caminho que nos traçamos.

(Da edição de ontem).



**ENTREVISTA** **MARCOS SILVA**

D'Luca



# Desafios para ensinar sobre a II Guerra

Valéria Credidio  
Editora do DN Educação

**U**ma análise de como o sistema de ensino brasileiro trata um assunto tão importante quanto a Segunda Guerra Mundial. Este o tema principal da entrevista com o professor da Universidade de São Paulo, o historiador potiguar Marcos Silva. Para ele, as escolas, e os escritores de livros didáticos, ainda precisam aprofundar os estudos nos reais acontecimentos do conflito, não destacando somente

o holocausto dos judeus - um dos fatos mais relevantes da história da humanidade, mas o massacre de ciganos, comunistas, homossexuais e outros grupos humanos. Professor Marcos Silva fala também da importância da participação brasileira no conflito, nem tanto pela força bélica das tropas brasileiras, mas pela relevância política para o Brasil. A seguir a entrevista com o professor Marcos Silva.

**Como o senhor analisa o ensino sobre a II Guerra Mundial nas escolas brasileiras? A participação brasileira teve relevância durante os conflitos e esta participação é conhecida e valorizada nas escolas?**

O ensino costuma realçar um aspecto mais imediato da guerra (confronto armado, mortandade, destruição de vidas e patrimônios), discutindo menos bases sociais e políticas daquele momento. A importante questão do holocausto tem sido mais discutida, precisando atingir, além do extermínio de milhões de judeus, o assassinato em massa de ciganos, comunistas, homossexuais e outros grupos humanos. O risco principal é caracterizar o conflito apenas no momento de enfrentamento armado explícito, negligenciando violências sociais cotidianas. A participação brasileira, em termos estritamente bélicos, foi limitada (sem desmerecer, evidentemente, esforços e sacrifícios) mas tem grande importância política interna, contribuindo para o debate sobre o Estado Novo e seu depois.

**Quais os aspectos mais relevantes da II Guerra Mundial abordados pelas escolas? Os autores disponíveis para o professor, principalmente de escola pública, abordam o tema de forma satisfatória?**

O Nazismo, o morticínio, a ascensão da URSS à condição de potência mundial, dando início aos quadros internacionais do pós-guerra (a "Guerra Fria"), a redefinição do mapa da Europa, a crise do colonialismo - que se expressa com maior clareza nos anos 50, mas tem muitos vínculos com a guerra. Os autores de livros didáticos costumam expor esses diversos tópicos, carecendo, em meu entendimento, de uma maior discussão sobre relações sociais e políticas que antecederam o conflito ou se lhe sucederam. Não vejo diferenças fundamentais entre o ensino público e o privado.

**Natal foi base para os americanos durante a Guerra. Mas, atualmente, o que restou foram lembranças românticas da passagem dos americanos pelo nosso Estado. Como o senhor analisa esta passagem e quais as influências que ficaram no cotidiano do natalense?**

É fundamental lembrar que Natal não começa naquele momento. A cidade possui um trajeto secular, antes de 1942. Os contatos com a cultura estadunidense, certamente, eram feitos antes sob diferentes formas - cinema, literatura, imprensa periódica. A presença norte-americana, todavia, possui

**O jornal deve ser utilizado em conexão com outros materiais, como o livro. Penso que é muito bom esse uso de múltiplos materiais numa perspectiva crítica**

Marcos Silva  
Historiador

um caráter de marco na memória, pela circulação de pessoas, pelo redimensionamento do mercado, pelas transformações que a cidade sofreu em termos de saneamento e contato com outros padrões culturais cotidianos. Como o Brasil se manteve nos quadros dos países que sofriam a ascensão política e cultural dos EEUU, no pós-guerra, aquela experiência assumiu certo caráter inaugural para quem a viveu.

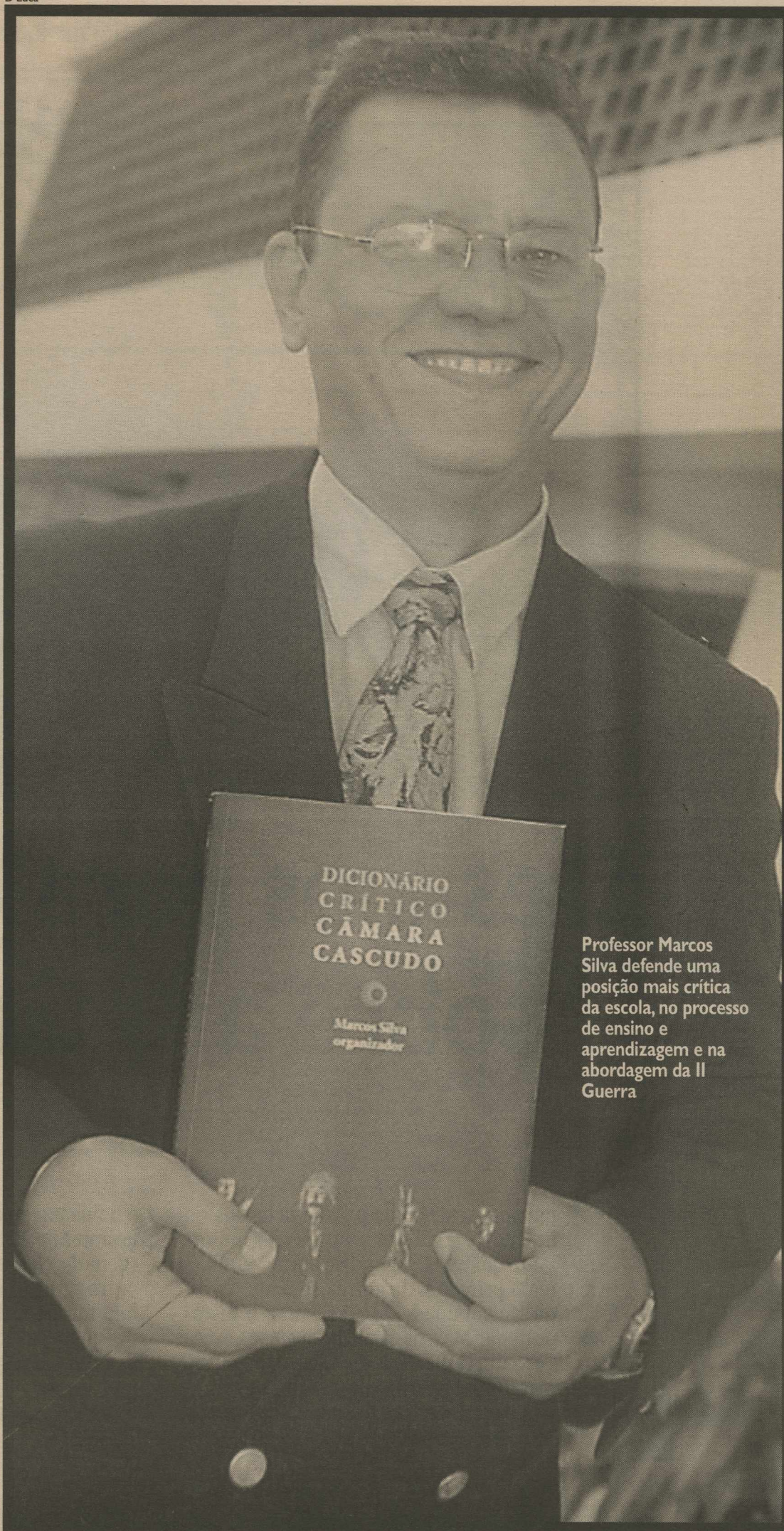
**O Diário de Natal surgiu exatamente na época da II Guerra, informando aos leitores os fatos que ocorreriam. Qual a importância de um veículo de comunicação como instrumento histórico durante um conflito de tal importância?**

Uma grande importância, pelo papel de formação de opinião, pelo registro de diferentes leituras se fazendo no ato sobre o tema. É conveniente encarar o jornal não apenas pelas notícias diretamente vinculadas à guerra, mas também no que se refere a atividades cotidianas da cidade naquele momento.

**Na sua opinião, os veículos de comunicação devem ser utilizados como material didático, em sala de aula? Como o senhor acha que esta utilização pode ser feita?**

Devem ser utilizados em conexão com outros materiais: o próprio livro didático, a Literatura de ficção, o Cinema, etc. Penso que é muito bom esse uso de múltiplos materiais, sempre numa perspectiva crítica. Não vale à pena pensar que a realidade "se revela" em algum daqueles materiais, uma vez que eles são construções sociais. É importante refletir criticamente sobre todos esses materiais, como parte do processo de pensamento sobre experiências sociais.

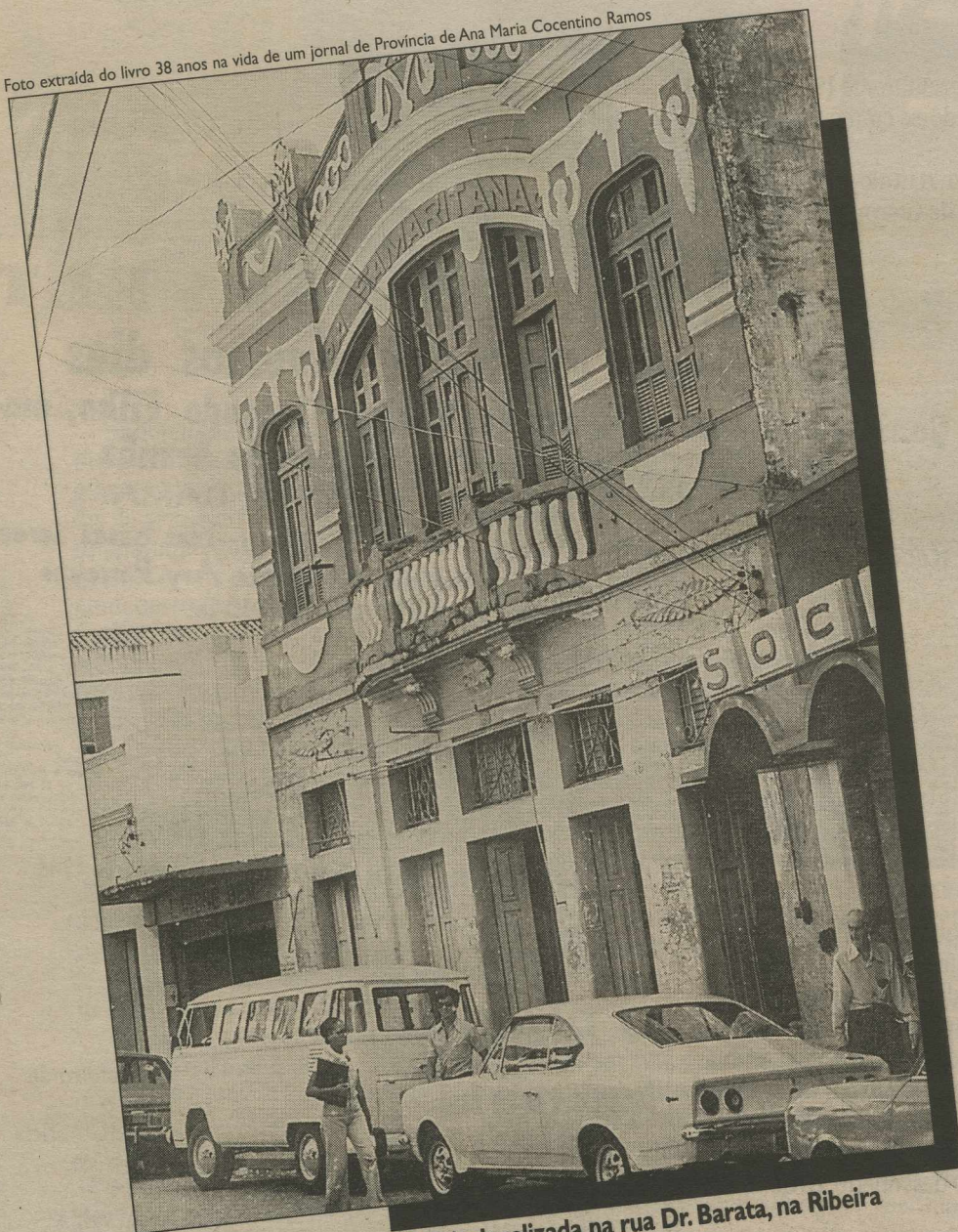
D'Luca



Professor Marcos Silva defende uma posição mais crítica da escola, no processo de ensino e aprendizagem e na abordagem da II Guerra

# A II Guerra nas páginas do DIÁRIO

Foto extraída do livro 38 anos na vida de um jornal de Província de Ana Maria Coentino Ramos



Segunda sede do Diário, localizada na rua Dr. Barata, na Ribeira

Ana Maria Coentino Ramos  
Especial para o DN Educação

**E**le vive a chamada terceira idade. O vigor da juventude há muito deixou de ser o seu forte. O tempo naturalmente lhe impôs algumas fragilidades e até mutilações. No entanto, ao longo da sua trajetória de 65 anos, ele vem acumulando informações e conhecimentos que compartilha com conterrâneos, constituindo-se numa referência para pesquisadores. Assim é o Diário de Natal, que nasceu com a missão de combater o nazi-fascismo, enquanto na Europa as potências se envolviam num grande conflito, iniciando a Segunda Guerra Mundial.

Os exemplares mais antigos estão amarelcidos, incompletos, frágeis em seus aspectos, mas guardam registros preciosos sobre o conflito mundial, nem sempre revelados nos livros de História do Rio Grande do Norte. Embora a sua primeira edição tenha circulado no dia 18 de setembro, a coleção atual inicia-se com o segundo número. A partir dessa edição, o Diário registra, a cada dia, através das suas manchetes, a movimentação da guerra, tema que, como era de se esperar, dominou o noticiário durante todo o decorrer do conflito (1939-45).

Devido a sua estratégica posição geográfica, Natal começou a viver nessa época um clima de preparativos contra possíveis catástrofes, com momentos de descontração proporcionados por espetáculos musicais que visavam amenizar a tensão dos soldados. As notícias eram captadas através de diversas emissoras de rádio, com destaque a BBC de Londres e a uma estação em Brasíville, na África. Ainda segundo o próprio jornal, as informações também chegavam através da Agência Nacional. Assim, os leitores do Diário - título que somente em 1947 muda para Diário de Natal - puderam tomar conhecimento do telegrama enviado em dezembro de 1941, por Getúlio Vargas, ao presidente norte-americano Roosevelt, solidarizando-se com o povo de seu país diante da agressão praticada pelo Japão.

Em 1942, quando o Brasil entra na guerra, o jornal publica, com o título "Aviso à população de Natal", recomendações do Interventor e do Comandante da Guarnição sobre a necessidade de ocupação de abrigos subterrâneos, na eventualidade de ataque aéreo. Nesse ano, segundo o jornal, tinha sido inaugurado o primeiro abrigo antiaéreo construído em Natal: "Esse acontecimento corresponde ao apelo do governador e das autoridades militares desta capital como recurso de segurança individual e coletiva em caso de ataques aéreos contra a cidade, em vista da ruptura das relações diplomáticas entre o Brasil e as potências do eixo e da situação geográfica em que se encontra a capital do Rio Grande do Norte". O abrigo era de propriedade de Amaro Mesquita, da firma Galvão Mesquita e Cia., na Ribeira, e situava-se em terreno da sua casa, na Avenida Hermes da Fonseca.

Ainda em 1942, Natal viveu a sua primeira experiência de "black-out", anunciada pelo grupo de sirenes instalado na cidade. Os refletores das baterias antiaéreas funcionavam em todas as direções, na localização dos aviões. Instalava-se em Natal a Cruz Vermelha do Rio Grande do Norte. No mesmo ano, noticiava o torpedeamento de um dos maiores barcos da frota comercial brasileira, o Arbutan, quando voltava dos Estados Unidos: "perdeu-se a primeira vítima. Foi sacrificado um dos nossos compatriotas".

Enquanto no plano internacional o Diário anunciava a derrota dos países do eixo e a falta de condições da Itália para continuar lutando contra os aliados, noticiário procedente da Agência Meridional informava sobre o interesse da Alemanha em conquistar Natal para utilizá-la como trampolim e chegar ao canal do Panamá e aos Estados Unidos. A mesma matéria, no entanto, informava da desistência dos planos da Alemanha, devido ao estado de prontidão do Brasil, que havia instalado próximo à capital potiguar uma importante base aeronáutica, considerada, conforme a notícia, a segunda maior do mundo.

Em 28 de janeiro de 1943, edição do jornal divulga a presença, no estuário do Rio Potengi, do Cruzador Humbolt, da armada norte-americana, de onde desembarcaram o presidente Getúlio Vargas e o mandatário Franklin Delano Roosevelt. Em jipe descoberto, os dois percorreram as ruas de Natal rumo à Base Aérea de Parnamirim.



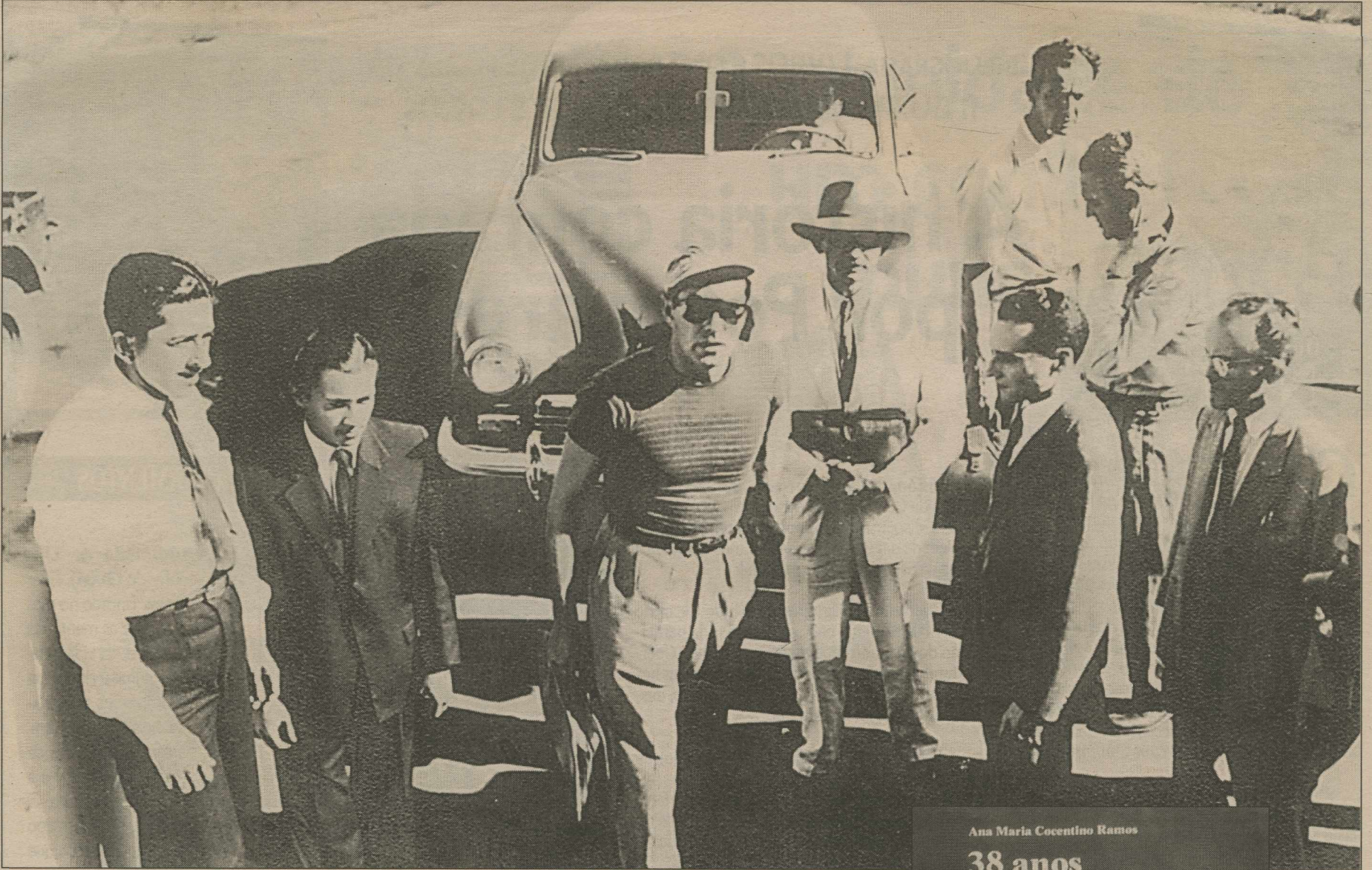
MADAME ROOSEVELT demorou-se em Natal diversos dias Conferencia com a esposa do Ministro Salgado Filho, embaixador Caffery e senhora Osvaldo Aranha O "DIARIO" ENTREVISTA A ILUSTRE DAMA Recepção em Parnamirim--Almoço na Vila Potiguar--Nas bases aereas brasileira e americana--O discurso do Almirante Ary Parreiras NATAL, A MAIOR BASE DO MUNDO

Madame Roosevelt visita Natal, em março de 1944

O DIÁRIO Conferenciaram em Natal os Presidentes Vargas e Roosevelt Extrordinário interesse despertado em Natal pelo presidente Vargas e o mandatário Franklin Delano Roosevelt

Em Janeiro de 1943, o DIÁRIO noticia a visita de Vargas e Roosevelt à capital potiguar

Foto extraída do livro *38 anos na vida de um jornal de Província* de Ana Maria Cocentino Ramos



Tyrone Power, ladeado do então repórter Luiz Maria Alves (de chapéu) e Mussoline Fernandes

No início de 1944, o Diário dividia o seu espaço com notícias da guerra, do Carnaval e dos espetáculos de arte. Nessa época, enquanto os apartamentos privados de Hitler e mais 500 mil edifícios berlinenses eram destruídos, em Natal o Teatro Carlos Gomes realizava uma manifestação anti-nazista. No cinema-teatro REX, na avenida Rio Branco, era anunciado, para os dias 5 e 6 de fevereiro, um show com Nelson Gonçalves - o "Rei do Rádio"; Maria Parígio - o "Rouxinol da PRA-8"; e Ivete Porto - a "Sambista Moderna". A mesma edição anunciava "as maviotas canções internacionais na voz sensual de Chabelle, a mais linda mulher do México". A estréia era anunciada para a segunda-feira, 3 de janeiro, no Cassino Natal.

No teatro, a movimentação era intensa. Constantemente, promoviam-se espetáculos de arte, apresentando cantores e grupos teatrais. Importantes companhias do sul do país eram contratadas, o que incentivava na natalense da época, o hábito de freqüentar o teatro. Mesmo

durante a guerra, ao lado das notícias do conflito, o jornal dava conta da pauta: "Aguardem nos dias 4 e 5 de março deslumbrantes espetáculos sob o patrocínio exclusivo de O Diário, apresentando renovados artistas internacionais".

A Associação Norte-rio-grandense de Imprensa (ANI) integrada a mobilização da cidade cria, em 1944, uma comissão de apoio ao esforço de guerra, representada pelo jornalista Djalma Maranhão.

O Diário também registra durante a guerra a passagem de Tyrone Power por Natal, ocasião em que foi entrevistado por Luiz Maria Alves, posteriormente diretor do jornal, e Mussoline Fernandes, representante de O Globo.

A edição de 4 de janeiro de 1945 traz uma estranha e inusitada notícia sobre o racionamento de dentes na Alemanha, anunciando pena de morte aos dentistas que aplicassem coroas sem autorização superior. A medida tinha surgido em decorrência dos bombardeios efetuados por aviões aliados contra as maiores fá-

bricas de porcelana para dentes. A pena de morte também tinha sido imposta aos soldados que danificassem propositadamente seus dentes artificiais ou não, com o objetivo de livrar-se do serviço militar na guerra.

O noticiário da guerra e toda a movimentação registrada em Natal muda consideravelmente a fisionomia da cidade. Os enormes casarões são transformados em quartéis e em clubes para os soldados. São criadas as bases Naval e Aérea, construída a estrada Natal-Parnamirim, além de outras instalações militares. A movimentação das tropas, deslocadas de outros países e de outras cidades brasileiras modificam os costumes dos natalenses. Em plena guerra, as empresas de diversões trazem companhias de teatro e estrelas do cinema e do rádio para alegrar as tro-

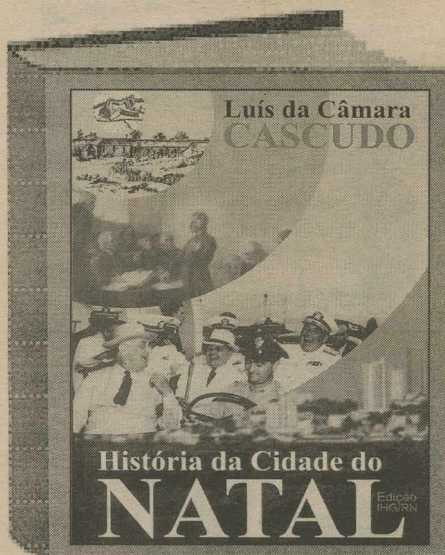
Ana Maria Cocentino Ramos

## 38 anos na vida de um jornal de província



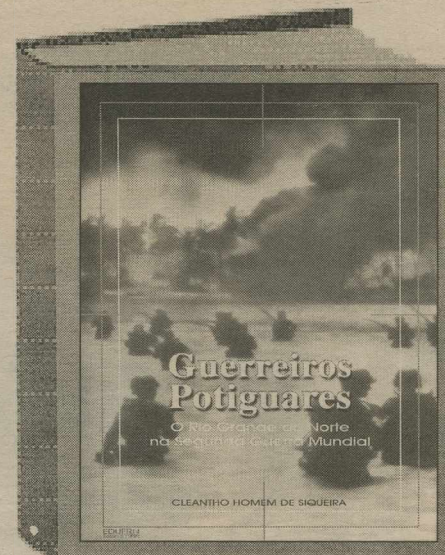
pas. Assim, as noites até então pacatas da Natal provinciana passam a ser animadas por grandes acontecimentos sociais, enquanto os eventos relativos à Segunda Guerra ganham destaque nas preciosas e históricas páginas do Diário.

Ana Maria Cocentino Ramos  
é professora e jornalista



BIBLIOGRAFIA LIVROS CONTAM A TRAJETÓRIA DA II GUERRA NA VISÃO DE AUTORES LOCAIS

# A história contada por Potiguares



**C**onhecer a história do Rio Grande do Norte e os acontecimentos que geraram grandes transformações no Estado e no País é essencial para quem deseja estar bem informado. A Segunda Guerra Mundial influenciou no modo de vida de muitos norte-rio-grandenses, quando à época as cidades de Natal e Parnamirim estavam tomadas por norte-americanos.

Para quem deseja ir mais além da História Oficial sobre os principais acontecimentos ocorridos no período de 1939 a 1945, bem como no período Pós-Guerra, a produção do DN Educação separou algumas obras de importantes autores potiguares que resgatam, além da História contextualizada, fatos marcados e vividos por cada um. Confira a relação:

✓ **Aspectos Geopolíticos e Antropológicos da História do Rio Grande do Norte** (1973), de Tarcísio Medeiros. Estudioso dos problemas do nordeste e, particularmente, do RN, o autor examina neste livro os aspectos geopolíticos e antropológicos ao longo da Capitania, Província, depois Estado, no processo de desenvolvimento do País, sem esquecer as influências internas e externas, dado que Natal é, na América do Sul, o ponto mais próximo da Europa.

✓ **O livro História da Base Aérea de Natal** (1980), de Fernando Hippolyto da Costa, reúne diversas pesquisas realizadas pelo autor, que consultou depoentes e jornais da época, além de detalhar os eventos que aconteceram na Base Aérea de Natal nos períodos da 2ª Guerra Mundial e Pós-Guerra.

✓ **Trampolim para a Vitória** (1993), de Clyde Smith Junior, único dos autores mencionados que não é norte-rio-grandense - Nasceu no Texas, EUA, e atualmente é professor do departamento de História da UFRN - O objetivo primordial do livro é chamar a atenção sobre a importância de Natal durante a Segunda Guerra Mundial. A obra mostra não apenas o impacto sócio-econômico das bases americanas na capital potiguar durante a guerra, mas também do Campo de Parnamirim (Parnamirim Field).

✓ **Em Natal, USA** (1995), Lenine Pinto desmistifica uma série de fatos a serem contestados na história oficial, e conta detalhes de toda a trajetória da Guerra e Pós-Guerra em Natal e Parnamirim.

✓ **Muito mais que um documento sobre a Segunda Guerra Mundial na capital potiguar, Os Americanos em Natal** (2000), também de Lenine Pinto, é uma bela crônica sobre a cidade do Natal dos anos 40.

✓ **História da Cidade do Natal** (1999 - 3ª edição), de Luís da Câmara Cascudo, traz em 43 capítulos textos indispensáveis ao conhecimento da temática, além de dar ênfase aos americanos em Natal à época da Segunda Guerra Mundial.

✓ **Guerreiros Potiguares** (2001), de Cleantho Homem de Siqueira, não conta apenas da participação dos soldados potiguares na Segunda Guerra Mundial. Retrata um pouco sobre as guerras holandesas e a Guerra do Paraguai. Além disso, descreve Natal nos anos quarenta.

✓ **A Cidade e o Trampolim** (2003 - 2ª edição), de João Wilson Mendes Melo, vem contemplar as impressões pessoais e experiência do autor sobre fatos e episódios natalenses, de que foi participante ou testemunha, verificados no período coincidente com o decorrer da Segunda Guerra Mundial.

✓ **Impacto Urbano de Uma Base Militar: A Mobilização Militar em Natal durante a 2ª Grande Guerra** (1995), de Maria do Livramento Miranda Clementino, é um trabalho que reúne estudos que reconstituem o momento de instalação dos equipamentos militares sediados em Natal durante a Segunda Guerra Mundial, visando detectar o que a autora denominou de "urbanização precoce".

✓ **A edição O impacto da II Guerra em Natal**, número 6 do Diário do Rio Grande do Norte (1999), coleção de 14 fascículos do Projeto Ler do Diário de Natal, de Itamar de Souza, traz alguns indicadores da cidade e do Estado durante a década de 30, quando, conhecendo essas referências, o estudioso terá uma visão do impacto social, econômico e cultural causado pela Segunda Guerra Mundial.

✓ Já na edição do fascículo 14, **O Nascimento de um Jornal Livre**, traz toda a história do Diário, que surgiu como instrumento conservador dos ideais democráticos na luta contra o nazi-fascismo e, ao mesmo tempo, como agente de transformação da sociedade norte-rio-grandense.

✓ **38 anos na vida de um jornal de província**, de Ana Maria Cocentino Ramos, a história do Diário também é contada, a partir de um estudo minucioso do jornal, além de curiosidades resgatadas do cotidiano da empresa. Monografia defendida em 1977, no curso de Comunicação da UFRN.

✓ **Contribuição norte-americana à vida natalense**. Protásio Melo - Edição Senado Federal.



A cidade em blackout - Nazareno Moreira de Aguiar - Editora Universitária - UFRN.

Depoimento do jornalista Luiz Maria Alves - edição do DIÁRIO DE NATAL, do dia 4 de maio de 1982.

✓ O suplemento "Seminário sobre a II Guerra Mundial", produzido pelo Diário de Natal, em 1982, mobilizou, durante cinco dias, grandes nomes, militares e civis, além de combatentes e historiadores, para debates com as temáticas voltadas para o Brasil e a sua participação na Segunda Guerra Mundial.

## LANÇAMENTOS

✓ **Audiência de Um Tempo Vivido** (2004), Eider Furtado, a ser lançado no mês de outubro, traz as memórias do autor acerca da vida natalense dos últimos cinquenta anos, com diversos personagens que nela se inseriram, além de relatos dos fatos da Segunda Guerra Mundial e a presença norte-americana. O livro resgata ao mesmo tempo a presença dos britânicos, que também contribuíram para o progresso de Natal.

✓ **Chiclete eu Misturo com Banana: Carnaval e Cotidiano de Guerra em Natal (1920-1945)**, de Flávia de Sá Pedreira, é uma tese de doutorado que está sendo transformada em livro, a ser lançado em outubro deste ano, e que tenta problematizar o reconhecimento do Carnaval como um dos símbolos da identidade nacional, a partir de um estudo detalhado sobre a época em que a capital potiguar estava tomada por norte-americanos.

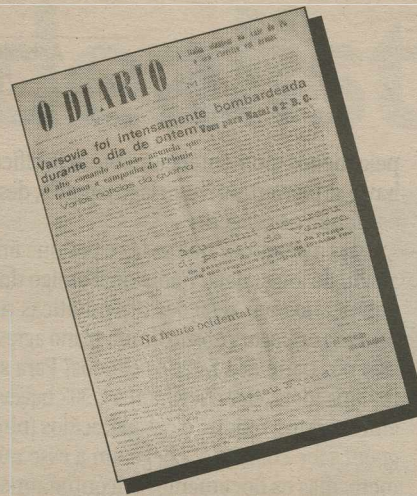
✓ **Diário de Guerra**, de autoria de Rivaldo Pinheiro, será lançado no início do próximo ano. O livro contém uma série de artigos sobre os acontecimentos da Segunda Guerra Mundial publicados no jornal "A República".



Fotos extraídas do livro Campo da Esperança de Cláudio Galvão



# A crueldade de um conflito mundial



Cláudio Galvão \*  
Especial para o DN Educação

O fim da década de 1930 marcava o mundo ocidental com o espectro da ameaça de uma nova guerra. Sem a precisão e a autenticidade da televisão, as notícias se espalhavam através da efêmera transmissão radiofônica. O noticiário da emissora BBC, de Londres era transmitido pelos alto-falantes do Indicador da Agência Pernambucana. Mais objetivo, o telégrafo levava às agências noticiosas e estas à redação dos jornais, o conhecimento dos fatos que se passavam na Europa, destacando a evolução do nazi-facismo, seu crescimento como doutrina política e o início de sua expansão imperialista.

A 1º de setembro de 1939, o mundo tomava conhecimento de que o exército alemão invadira a Polônia, chegando a Varsóvia no dia 27.

Em Natal, dois jornais apenas - "A República" e "A Ordem" - informavam a trágica notícia. Haveria ainda condições de se frear, de se impedir o alastramento da catástrofe?

A 18 de setembro, um grupo de idealistas fazia circular a primeira edição do "Diário", que se definia com o objetivo de tornar-se, mesmo geograficamente distante,

**As coleções do "Diário" são testemunho autorizado destes tempos ameaçadores. Suas manchetes espetaculares, seu noticiário preciso e atualizado são hoje fonte inesgotável, disponível para estudos esclarecedores.**

uma efetiva trincheira de combate ao crescimento do mal.

As coleções do "Diário" ("Diário de Natal" a partir de 3 de março de 1947), são testemunho autorizado destes tempos ameaçadores. Suas manchetes espetaculares, seu noti-

ciário preciso e atualizado são hoje fonte inesgotável, disponível para estudos esclarecedores.

Durante quase todo o mês de setembro o "Diário" mostrou, passo-a-passo, o itinerário sangrento da invasão da Polônia. Suas manchetes eram o único modo de reagir, de protestar contra a violência do mais forte contra o mais fraco.

Um desses caprichos do destino trouxe para Natal uma testemunha presencial dos horrores da Segunda Guerra Mundial em seu país. O padre Jan Wisniewsky escapara, com quarenta quilos de peso e tuberculoso, de mais de três anos de prisão, trabalhos forçados e maus tratos no campo de concentração de Dachau, na Alemanha. Conhecido na Igreja de São Pedro do Alecrim como padre João, simplesmente, a poucos falava de seu passado e a ninguém parecia ter marcas, mágoas, ódios ou rancores. Um encontro oportuno possibilitou que ele gravasse uma entrevista onde relatou, com detalhes, a terrível experiência por que passara. Esses fatos tomaram forma no livro "O Campo da Esperança", que mostra a perseguição aos padres poloneses.

## ARTIGO

## NATAL: A GUERRA QUE NÃO HOUE:

## OS PLANOS PARA A INVASÃO DO RIO GRANDE DO NORTE

Antonio Pedro Tota \*  
Historiador

Alguns dias de Pearl Harbor, Franklin D. Roosevelt, presidente dos Estados Unidos recebeu na Casa Branca, em Washington, Winston Churchill, o primeiro ministro da Grã-Bretanha. Era dia 10 de dezembro de 1941 quando o general George Marshall (chefe do estado maior do Exército americano) e o almirante Harold Stark, chefe de operações navais da Marinha, fizeram uma previsão para os dois desesperados chefes de Estados Aliados: como os alemães não tinham conseguido concretizar o plano de derrotar a União Soviética naquele final de ano, os preceitos militares temiam que as forças nazistas se voltassem para o oeste invadindo Portugal, Espanha e o norte e o oeste da África Francesa. Dali para Natal seria uma empreitada fácil para a máquina de guerra nazista.

Justifica-se, portanto, a existência de plano de invasão da região nordeste do Brasil mesmo antes do encontro entre Roosevelt e Churchill. Desde 1939, o Exército e os marines estavam preocupados com a situação do nordeste brasileiro e iniciaram a elaboração de um plano de invasão da região. No começo de 1941, a Marinha, o corpo de marines e o Exército uniram seus estrategistas e apresentaram um projeto para uma ação conjunta das três forças auxiliados pela Força Aérea. A operação geral recebeu o nome de Joint Basic Plan for the Occupation of Northeast of Brazil. O plano de "assalto pelo mar" foi batizado de Rubber Plan. Salvador, Recife, Belém do Pará, e a ilha de Fernando de Noronha eram os alvos do plano. Mas, Natal e o aeroporto de Parnamirim eram as prioridades do plano. O professor Michael Gannon da Universidade da Flórida disse que "desde o início, o plano conjunto do Exército e da Marinha, esboçado em 1939 e completado pelo plano Rainbow V em 1941/42 considerava imprescindível e vital o controle do nordeste brasileiro na expectativa de uma guerra global. "Os estrategistas não perdiam de vista que Natal ficava a menos de 1.750 milhas marítimas da costa da África e não tinham nenhuma dúvida: era através dessa rota que poderiam descarregar o material necessário para o general MacArthur que estava encurralado pelas forças do Imperador Hiroito nas Filipinas. E se essa rota caísse nas mãos do Eixo? Lembrar que,

pelo menos momentaneamente, o Pacífico havia se convertido "num lago japonês, descontando os exageros".

Mas a pergunta que se faz é por que um aliado de longa data, tradicional amigo dos americanos nas relações diplomáticas na América era, agora objeto de um plano agressivo por parte dos Estados Unidos? Para se ter uma idéia, eles chegaram a 2.902 baixas, entre mortos, feridos e desaparecidos (ninguém sabe como eles chegaram a esse número, mas os documentos encontraram-se no Arquivo Nacional de Washington - NARA College Park, Maryland Record Group 38 box 16 e também na FDR Library em Hude Park, acerca de uma hora de trem de Nova York.

Para responder a questão, verifiquemos alguns documentos: no dia 17 de dezembro de 1941, o coronel Willina Donovan, chefe do Office of Strategic Service, o serviço de inteligência precursor da CIA, fez um relatório enviado diretamente ao presidente Roosevelt: em primeiro lugar ele seguia a já conhecida tese de que altos escalões de nossas forças armadas tinham públicas simpatias pelo regime nazista, isso para não falar do modelo corporativo adotado pelo Estado Novo. Mesmo assim, se por ventura, Vargas adotasse uma política anti-Eixo, na avaliação de Donovan, o presidente brasileiro enfrentaria, provavelmente uma rebelião no interior do alto comando das Forças Armadas. No dia seguinte, isto é, dia 18, em outro relatório a Roosevelt, Donovan discutia a importância da região do Rio Grande do Norte; "O comando do Exército de Natal, conhecido como pró-nazista, em recente pronunciamento, alertou sua tropa para nunca permitir que outra bandeira tremulasse mais alto do que a brasileira...". O relatório dizia que cerca de 70% do alto oficialato era simpatizante dos nazistas (os americanos adoram estatísticas e percentagens). Cabe lembrar que havia um sistema de espionagem já trabalhando em Natal: era o SIS - o Special Intelligence Service, uma espécie de subsidiária do FBI.

Por essa razão, o plano de ataque a Natal era rico nos pormenores estratégicos: a direção da comissão que planejava a invasão era composta pelos Secretários de Guerra, da Marinha, pelo Chefe do Estado Maior das Forças Armadas, General George Marshall, e

pelo Chefe das Operações Navais, almirante Harold R. Stark. O objetivo imediato era desembarcar tropas de infantaria para proteger a região sul do hemisfério ocidental.

Depois de 12 dias de viagem, previa o plano, a frota americana partindo de portos da Virgínia e de Porto Rico, deveria se aproximar do litoral do Rio Grande do Norte. Exatamente no dia 22 de fevereiro de 1942, o encouraçado USS Texas, o porta-aviões USS Ranger (e um outro grupo variado de vaso de guerra em especial barcaças para desembarque) deveriam iniciar o bombardeio da costa para dar apoio ao desembarque, que seria feito por frota da Forças Anfíbias do Atlântico com barcaças de madeira conhecidas pelas iniciais LCP. Assim, criavam-se condições para o desembarque em três praias previamente escolhidas: a Praia do Meio, a de Areia Preta e a Praia de Banhos. Não podemos esquecer que estava previsto que exatamente às 6h30 os aviões caça F4F da Marinha, que descarregariam cargas de bombas e de metralhadores sobre as baterias antiaéreas, deveriam ser encontradas na região de Natal. Com o desembarque das tropas, iniciariam a instalação das sofisticadas armas americanas para defender o hemisfério ocidental. Claro que contavam com possíveis resistências; tinham até uma lista do que poderiam encontrar em Natal.

Equipada geralmente com material obsoleto e manejado por tropa mal preparada, a força era considerada insuficiente para defender o potencial que os americanos estavam pensando em usar na região de Natal. A tomada de Natal, dizia o Rubber Plan, "vai colocar nossas forças em excelentes condições estratégicas que poderemos interromper as linhas de ligações do Eixo com o Nordeste. Por isso, a área de Natal deve ser ocupada e mantida prioritariamente em relação a qualquer outra área do Brasil. O documento fazia também uma avaliação da Marinha brasileira e o resultado era lamentável: dois velhos encouraçados, dois velhos cruzadores leves, nove destróieres (alguns ainda sendo construídos), três submarinhos e várias outras embarcações menores" (National Archives and Record Administration - War Plan Division Folder 4224 -204 - Joint Basic Plan for the Occupation of the Northeast of Brazil. Paragraph 4).



O comandante da Força Anfíbia dos Marines - Frota do Atlântico, Major General Holland M. "Hollwulin Mad" Smith já estava treinando suas tropas em Quântico e nas praias da Virgínia. Ele era o mais radical dos Falcões: achava que o ataque aéreo a Natal era indispensável para garantir o sucesso da operação, isto segundo o próprio General Smith no seu livro The Development of Amphibious Tactics in the US Navy, publicado em 1992. Posições semelhantes eram partilhadas por Stinson, o então secretário do Exército.

A partir daí, a história é mais conhecida. Acabou prevalecendo o consenso diplomático. Natal foi ocupada, pacificamente com autorização do nosso governo, preservando assim a soberania em nome da luta contra o inimigo maior: o nazismo.

Transcrito da edição de 17 de setembro de 2000  
Caderno Muito - O Poti

## Nota

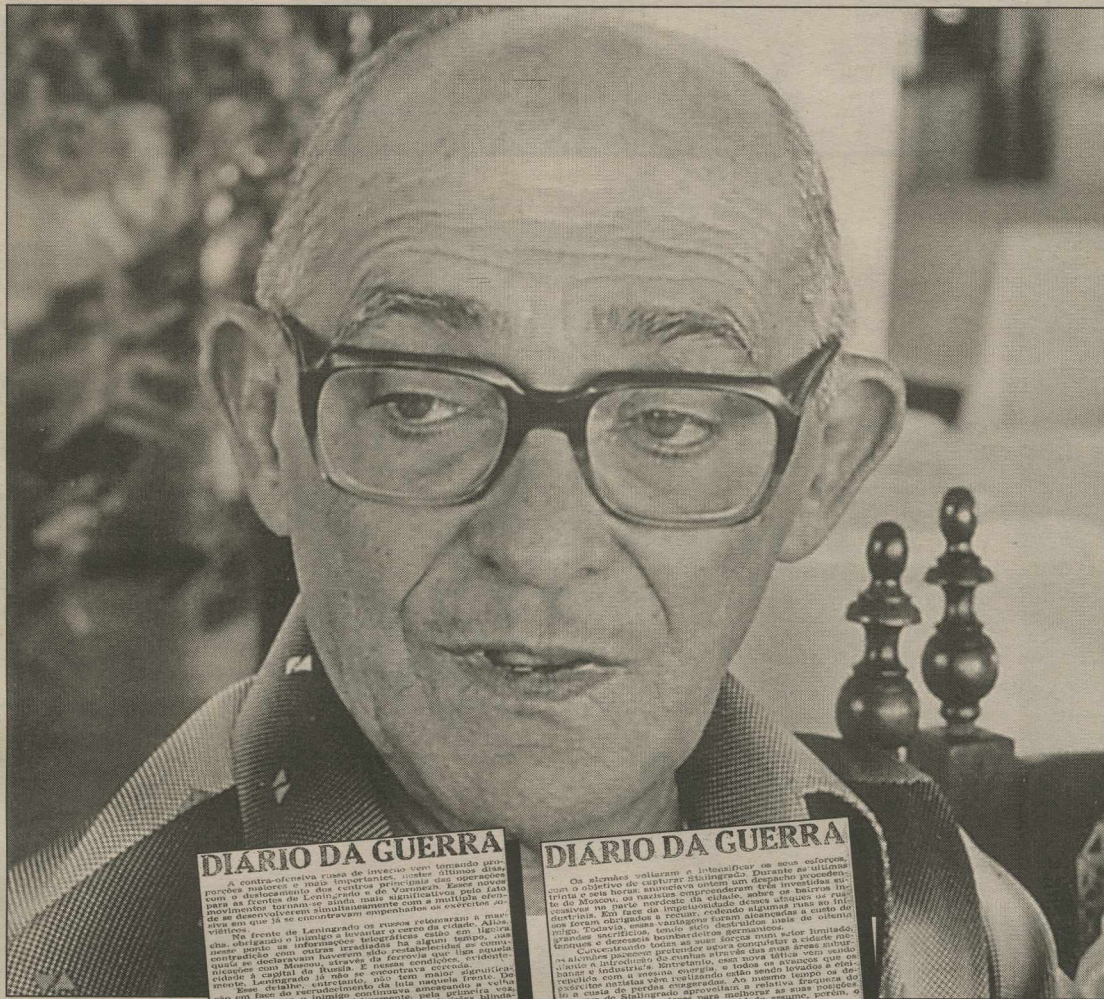
Na época da publicação deste artigo em O Poti, o professor e historiador Antonio Pedro Tota, esteve em Natal para lançar o livro "Imperialismo Sedutor", onde fala justamente da vinda das tropas americanas para o Brasil e as influências no cotidiano do brasileiro. Na mesma ocasião, o DIÁRIO DE NATAL promoveu, em parceria com a UFRN, um debate com o historiador e promoveu uma edição especial do Programa Grandes Temas, tendo como tema "Natal e a II Guerra - Aspectos Culturais".

\* Antonio Tota é historiador, escritor e professor pesquisador da USP - PUC de São Paulo

# RIVALDO PINHEIRO

## Passagens da vida de um idealista

Foto cedida



"Certa vez sugerimos a Rivaldo reunir em livro o que considerávamos elementos preciosos para a História daquela Guerra. Ele, no seu bom-senso, não se dispôs à tarefa editorial...". O trecho é retirado de um artigo do professor João Wilson de Mendes Melo, membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras. Em seu artigo, João Wilson fala do amigo Rivaldo Pinheiro, escritor, jornalista, um dos fundadores do Diário, que durante a II Guerra escrevia artigos sobre o assunto. Assim nasceu o Diário da Guerra, coletânea de seus melhores trabalhos, publicados no jornal "A República".

A obra, antes não desejada pelo autor, como relatou seu amigo, já está sendo trabalhada e será lançada, em breve, pelo DIÁRIO DE NATAL, em uma justa homenagem a Rivaldo Pinheiro.

Nascido aos 18 de setembro de 1916, filho de Francisco Pinheiro Borges e Libânia Teixeira Inês, ele Funcionário Público (Secretário da Escola Normal) e ela do lar. Desde cedo precisou trabalhar para custear os estudos, tendo sido empregado da padaria de um parente, depois contínuo da firma Wornton Pedroza (compradora, beneficiadora e exportadora de algodão). Teve de parar os estudos concluindo o curso primário. Aos 17 anos, com muito esforço, retomou-os, ingressando no Atheneu, através do exame de admissão. Mantinha-se nos estudos, através da atividade de jornalista. Somente em 1939 conseguiu concluir o curso.

Fez o clássico, também no Atheneu, a partir de 1942, após mais alguns anos sem estudar, só podendo retomar com a implantação do segundo ciclo no Colégio. Frequentemente lembrava os brilhantes professores e colegas que tivera. Foi um dos fundadores da Academia

de Letras do Atheneu (antecessora da Academia da Academia Norte-rio-grandense de Letras), tendo sido, posteriormente, seu Presidente. Foi no Atheneu que começou a se interessar por Literatura. Antes disso não tinha condições de acesso aos livros. Uma das principais oportunidades deu-se quando, com colegas do Atheneu, passou a freqüentar a casa do Dr. Matias Maciel, detentor de uma enorme biblioteca. Em julho de 1935 começou a con-

balhar na República como Repórter Revisor. Ainda na República, fundou, em 18 de setembro de 1939, o "O Diário", hoje "Diário de Natal", do qual foi sócio de Waldemar Araújo, Aderbal França e Djalma Maranhão, impresso na gráfica da República. A sociedade perdurou até 1942. A Alemanha invadiu a Polônia

### DIÁRIO DA GUERRA

Um contra-ataque russo de invencível tem tomado a frente de Leningrado na Rússia soviética. A situação é extremamente grave. O exército alemão está em retirada. Os alemães estão sendo expulsos da cidade. A situação é extremamente grave. O exército alemão está em retirada. Os alemães estão sendo expulsos da cidade. A situação é extremamente grave. O exército alemão está em retirada. Os alemães estão sendo expulsos da cidade.

### DIÁRIO DA GUERRA

Os alemães voltaram a intensificar os seus esforços para o objetivo de capturar Stalingrado. Durante os últimos dias de setembro, os alemães começaram um ataque às linhas russas na cidade. Os alemães começaram um ataque às linhas russas na cidade. Os alemães começaram um ataque às linhas russas na cidade.

em 3 de setembro de 1939, marcando o início da II Guerra Mundial. O Diário nasce por causa do Estado Novo que mantinha aproximação a atuar no sistema cooperativista, tendo sido Presidente da Cooperativa de Crédito dos Servidores Cívicos e Autárquicos da União Ltda por muitos anos, e fundador da OCERN (Organização das Cooperativas do Rio Grande do Norte). Guardou com muito cuidado as crônicas diárias da República, intituladas "Diário da Guerra", onde procurava contribuir para a "elevação da moral" dos aliados contra o nazi-facismo.

na Federal do Rio Grande do Norte, hoje CEFET-RN), a partir de 1945, enquanto cursava Direito. Concluiu o curso de Direito em 1949 na Faculdade de Direito de Macaíó. Na ETRN, em 1978, aposentou-se como Procurador. Participou, convidado pelo então futuro governador Aluísio Alves, da criação da Tribuna do Norte (inaugurada em 24 de março de 1949), onde permaneceu dois anos. Na política teve aproximação com o Partido Comunista mas não aceitou a doutrina nem foi assimilado pelo partido. Foi avesso ao integralismo e chegou a ser do Partido Popular. Em Natal, foi fundador da Esquerda Democrática (ED), que se constituiu em todo o Brasil e elegeu Franco Montoro vereador em São Paulo. Foi crítico das divisões entre as esquerdas (PC, PTB, depois PT e PDT) que não conseguiram se unificar em torno de um projeto político. Foi candidato a Deputado Estadual uma vez e a Vereador duas vezes. Depois, a ED se transformou em Partido Socialista, que passou a ser PSB em 1949. Abraçou algumas causas com grande convicção, como a luta "O Petróleo é Nosso" e a questão da "Assistência Social do Trabalhador". Escreveu sobre esses temas, mas, o tema que mais o empolgou foi "Socialismo e Democracia". Defendia a tese de que "sem socialismo não há democracia". Este ideal o impulsionou a atuar no sistema cooperativista, tendo sido Presidente da Cooperativa de Crédito dos Servidores Cívicos e Autárquicos da União Ltda por muitos anos, e fundador da OCERN (Organização das Cooperativas do Rio Grande do Norte).

## TRANSFORMAÇÃO MARCOS HISTÓRICOS DA CAPITAL POTIGUAR DURANTE A II GUERRA

# Natal ontem e hoje

*Em 65 anos, Natal passou por diversas transformações. Mas os marcos históricos, prédios importantes para o cotidiano natalense durante os conflitos continua fazendo parte do dia-a-dia da cidade, muitas vezes, passando despercebido por muitos. O DN Educação traz ao leitor a oportunidade de conhecer um pouco mais sobre sua própria história.*

A Maternidade Januário Cicco foi a sede do Quartel Central dos Norte-Americanos em Natal

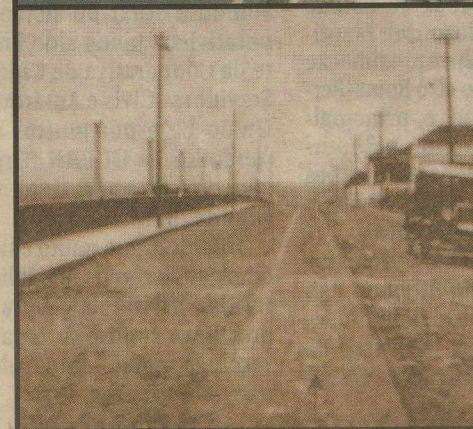


O antigo prédio da Estação Ferroviária é hoje a sede da Escola Estadual Moacyr de Albuquerque



O prédio do PROCON foi a primeira sede do Banco do Estado do RN

Av. Getúlio Vargas, antigamente conhecida como Av. Atlântica



O frequentadíssimo Wonder Bar é hoje um prédio comercial na Ribeira

**CEPDOC ACERVO DO DIÁRIO DE NATAL CONTA COM EXCELENTE MATERIAL PARA ALUNOS E PESQUISADORES**

# Pesquisar é preciso

**Aldemir Fernandes**  
Coordenador do Projeto Ler

*No Centro de Pesquisa e Documentação ( CEPDOC) do Diário de Natal, a atualidade convive harmonicamente com a antiguidade. Coleções de Jornais, Revistas, livros e outros documentos estão à disposição de estudantes, pesquisadores e escritores interessados na história, principalmente do nosso Estado. O acervo de fotografias é um dos mais procurados pelos pesquisadores. Nele podemos encontrar Eva Perón, Tyrone Power, Bob Kennedy, Getúlio Vargas e o Presidente Roosevelt, entre outros, visitando Natal. Podemos ver ainda o Graf Zeppelin sobrevoando a cidade, como também passearmos pelas ruas da cidade do Sol em 1900 até os dias de hoje. Além desse acervo escrito e fotográfico, o Cepdoc possui um belíssimo material de cultura popular, onde encontramos mais de cem peças do artista Xico Santeiro retratando a cultura nordestina, que se juntam a outras peças de grande valor histórico. O Cepdoc possui inúmeras fitas gravadas por personalidades que escreveram a história do Rio Grande do Norte, como Dinarte Mariz, Theodorico Bezerra, Luís Maria Alves, Câmara Cascudo e outros, onde podemos ouvir essas vozes imortalizadas narrando momentos de suas vidas.*



**A Rádio Educadora de Natal (REN), a primeira rádio do RN, hoje Rádio Poti, foi de fundamental importância na divulgação das notícias da Guerra**



**A Campanha do Agasalho foi promovida pela Liga de Defesa Nacional e tinha como objetivo mandar agasalhos para o corpo expedicionário brasileiro na Itália.**



**Natal foi um dos pontos estratégicos durante a 2ª Guerra Mundial, sendo considerada a cidade Trampolim da Vitória, na luta contra os nazistas**



**Chegaram a Natal em aviões da Força Aérea Americana, expedicionários da FEB, que estavam em tratamento em hospitais americanos. Aqui ficaram no hospital militar aguardando serem transportados para o RJ**



**Os exercícios de defesa passiva (Black-out), não aconteciam somente em Natal, muitas vezes, eram extensivos também as cidades de Macaíba e São José de Mipibú.**



**O primeiro potiguar evacuado do fronte, na Itália, foi o sargento José Augusto Cacho, de 23 anos, natural da cidade de Macaíba. Conhecido como sargento Cacho, José Augusto era nadador do Centro Náutico Potengi.**

# A Conferência de Natal

Foto cedida



Franklin Delano Roosevelt, Getúlio Dorneles Vargas e em pé o general Cordeiro de Farias

João de Brito Namorado



Entre os materiais do acervo do DIÁRIO DE NATAL, fotos e texto de um importante fato político para a história da cidade: a Conferência de Natal.

No dia 28 de janeiro de 1943, vindo de um encontro com Churchill na Conferência de Casablanca, no Marrocos, o presidente norte-americano, Franklin Delano Roosevelt desembarcou em Natal, às 7h30, onde se encontrou com o presidente brasileiro, Getúlio Vargas, que chegara à cidade por volta da 1 hora.

O encontro aconteceu no Rio Potengi, a bordo do cruzador norte-americano "Humboldt".

Do encontro e conversão participam além dos presidentes Roosevelt e Vargas, o embaixador Caffery, o interventor Rafael Fernandes, o almirante Ingrams e Ari Parreira, e generais Cordeiro de Farias e Walsh, o brigadeiro Eduardo

Gomes e o cônsul Sims.

As conferências foram realizadas na língua oficial, que era a francesa.

Da conversa, além das informações sobre o que fora acertado em Casablanca, no Marrocos, Roosevelt sugeriu e Vargas aceitou que o Brasil fosse um dos membros fundadores das futuras Nações Unidas - ONU. Por seu lado, o governo brasileiro solicitou mais equipamentos militares e revelou sua disposição de enviar um contingente para a guerra.

Ambos os presidentes visitaram depois a Base Aérea de Parnamirim, quando foram feitas várias fotografias históricas, num jeep que os conduziu até lá. Como a do fotógrafo português João de Brito Namorado.

Emanoel Amaral



EQUIPE DO CEPDO - CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO, DO DIÁRIO DE NATAL/ O POTI, COORDENADA PELO PROFESSOR ALDEMIR FERNANDES, E QUE CONTA COM A IMPORTANTE COLABORAÇÃO DOS SEGUINTE FUNCIONÁRIOS: JACQUELINE MAIA FRANCO, OSNILDA FIGUEIREDO LOPES E JOÃO MARIA DE ARAÚJO. TODA A EQUIPE FOI FUNDAMENTAL PARA A ELABORAÇÃO DESTA EDIÇÃO ESPECIAL DO DN EDUCAÇÃO.

Fotos divulgação



Humprey Bogart, ator

E COMEÇARAM A APARECER PESSOAS IMPORTANTES, AUTORIDADES ILUSTRES, ARTISTAS E ESTRELAS DO FIRMAMENTO DE HOLLYWOOD. EXIBIAM-SE COM NATURALIDADE, CINTILAVAM NOS CASSINOS E SE EMBRIAGAVAM NO GRANDE HOTEL. DE 1943 A 1944, NATAL RECEBEU A VISITA DE PERSONALIDADES DESTACADAS NO CENÁRIO NACIONAL E INTERNACIONAL. VEJA AS PRINCIPAIS FOTOS, ABAIXO.



Eurico Gaspar Dutra, (na foto visitando as tropas na Itália, em 1944) foi uma figuras ilustres que passaram por Natal



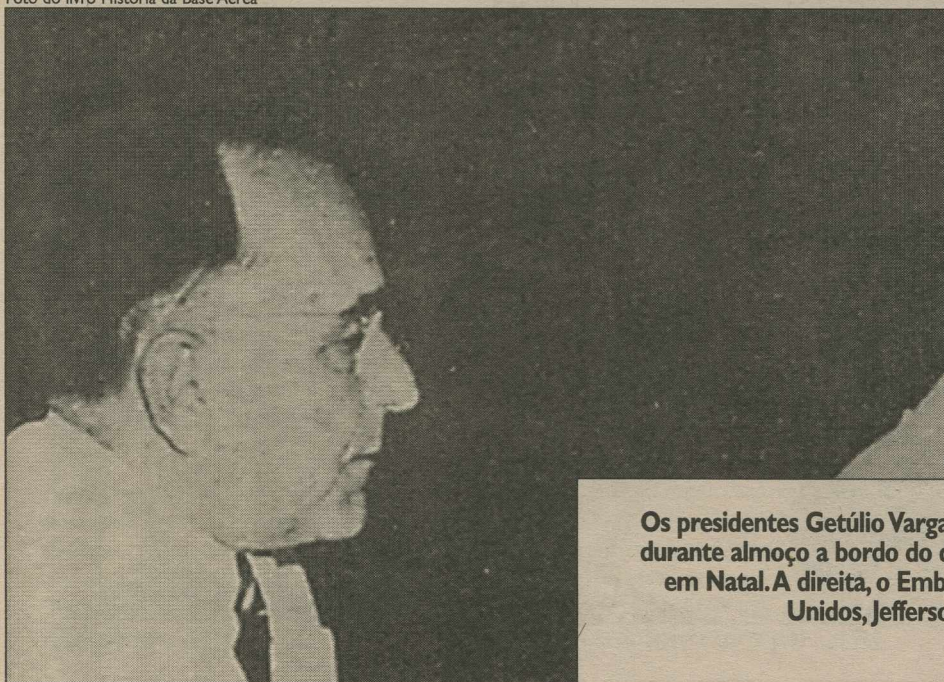
Marlene Dietrich, atriz

Foto do livro História da Base Aérea

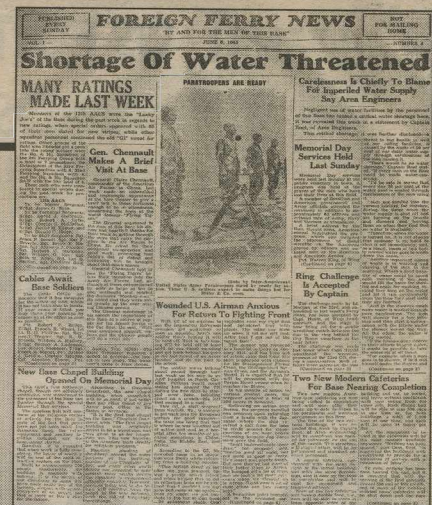
# Visitas ilustres em Natal



Bethe Davis, atriz



Os presidentes Getúlio Vargas e Franklin Roosevelt durante almoço a bordo do destróier "Humboldt", em Natal. A direita, o Embaixador dos Estados Unidos, Jefferson Cafery



Emanoel Amaral



# Uma tradução marcada na história

JUIZ IVANILDO BEZERRA RELEMBRA A ÉPOCA  
EM QUE FOI RESPONSÁVEL  
PELA TRADUÇÃO DO FOREIGN  
FERRY NEWS, JORNAL  
VEICULADO DURANTE O PERÍODO DA  
SEGUNDA GUERRA MUNDIAL.

Com apenas 18 anos, um curso básico de inglês no currículo e o gosto incessante de ler jornais diários, Ivanildo Bezerra Ferreira dos Santos era um jovem estudante em busca do primeiro emprego. Conseguiu ingressar no quadro de funcionários do Diário de Natal, em 1988, onde foi selecionado, a partir de um teste de conhecimentos, para realizar a segunda etapa da microfilmagem dos jornais arquivados.

Mas o jovem nem precisou realizar o trabalho o qual estaria encarregado. O então diretor-geral do Diário de Natal, Luiz Maria Alves, preocupado em deixar para as próximas gerações as histórias contadas durante o período da Segunda Guerra Mundial, se interessou em traduzir as edições do jornal americano Foreign Ferry News, que circulou de 1943 a 1945, na Base Aérea de Parnamirim (Parnamirim Field), totalmente em inglês.

Dessa forma, único funcionário da empresa a entender o idioma, Ivanildo teve uma missão: traduzir as edições do periódico americano para o português. E esse foi o seu trabalho durante nove meses, período em que esteve na empresa, saindo em virtude do Vestibular, o qual passou para o

curso de Direito, e hoje, 16 anos depois, é Juiz da 3ª Vara Criminal da Comarca de Natal.

"Não tinha a dimensão do que isso representava. Não entendia tudo de inglês, mas a atividade me interessava. Cada edição traduzida fazia com que eu me aperfeiçoasse. O que muito contribuiu foi o meu interesse pela leitura diária dos jornais impressos", disse o juiz, emocionado ao ver as edições traduzidas.

"Hoje, talvez, eu compreenda melhor a importância desse trabalho. Era muito jovem na época, e não entendia que essa tradução tinha um valor muito grande para a história, tanto do Diário de Natal quanto do Rio Grande do Norte".

As edições traduzidas do jornal Foreign Ferry News estão arquivadas no Setor de Pesquisas do Diário de Natal e, freqüentemente, são utilizadas como objeto de estudos e observações. "Jamais imaginei que este trabalho pudesse servir de instrumento para pesquisas até mesmo de estudiosos. Hoje, sabendo dessa importância, me orgulho por ter dado essa contribuição; fico até mesmo envaidecido".

José Aldemir Fernandes Lopes, funcionário do

Diário há 24 anos, supervisor do Setor de Pesquisa e coordenador do Projeto Ler do Diário de Natal, foi, na época, o responsável pelos testes de novos funcionários da empresa. "Ivanildo se destacou dentre tantos outros que disputavam a vaga", disse, lembrando dos momentos em os dois se tornaram grandes amigos. "Reencontrar um amigo 16 anos depois é como voltar a ter meus 20 anos, recordando do grupo de colegas e dos sonhos".

Para o juiz Ivanildo Bezerra, a época ficou marcada na memória. "Além das amizades, o mais marcante do jornal foi a importância que o diretor, Luiz Maria Alves, dava ao meu trabalho, o que me estimulava bastante. Foi muito interessante".

O Foreign Ferry News foi um pequeno jornal publicado em inglês durante o período da Segunda Guerra Mundial, na Base Aérea de Parnamirim. Editado semanalmente aos domingos, o periódico deixou para a história um arsenal de informações e imagens raras até para os arquivos militares dos Estados Unidos. Com linha editorial conservadora - tinha poucas fotografias, e trazia pequenas notas sobre o cotidiano dos americanos em Natal.



JORNAL OS EDITORIAIS DO DIÁRIO  
RELATAVAM OS ACONTECIMENTOS

# O dia-a-dia da Guerra que mudou o mundo

## EDITORIAL

### O CONFLITO EUROPEU

O conflito europeu tornou-se agora um conflito mundial, e nele acaba de ser, finalmente, envolvido o continente americano.

De acordo com os compromissos que havia assumido perante os países deste hemisfério, o Brasil declarou a sua solidariedade aos Estados Unidos, definindo a sua posição, que é a posição da América.

A importância desse fato precisa ser esclarecida, para que o povo o compreenda na sua verdadeira altura. O Brasil tomou uma atitude que foi seguida por todas as Repúblicas americanas. Essa atitude foi tomada em vista dos compromissos que a nação havia assumido segundo os quais, nenhum país deste continente que viesse a ser envolvido em luta contra um país estrangeiro seria considerado como beligerante.

É uma imposição das contingências desta luta trágica na qual se achava envolvida quase toda a humanidade. Até este momento o Brasil está apenas em posição de alerta. Não há, por enquanto, motivos para temores nem receios. Há, entretanto, necessidade de se manterem todos os brasileiros com serenidade, confiando na ação do governo e aguardando os acontecimentos.

Editorial do dia 12 de dezembro de 1941 - Ano III - Nº 637

## EDITORIAL

### A hora decisiva da liberdade

Às duas horas da madrugada de hoje, os exércitos da Democracia, irrompendo em dois pontos estratégicos do território da França, abriram a segunda frente, inaugura-se, assim, a batalha de libertação da Europa, torturada, há mais de dois anos, pelo despotismo nazista, cuja agonia e cujo aniquilamento é impossível prorrogar, é inútil deter.

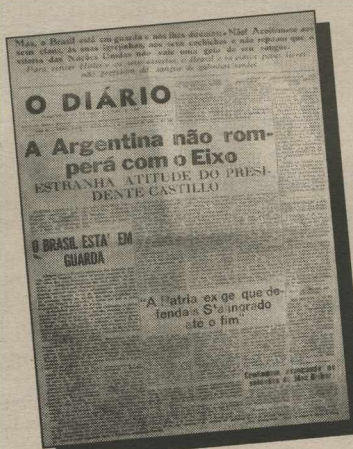
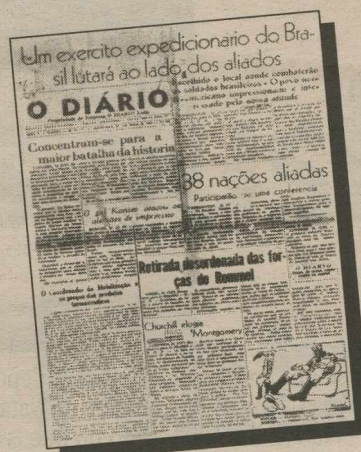
Os corações de todos os homens livres do mundo, batam, a esta hora, ao ritmo da marcha dos heróis da segunda frente. No Havre, em Cherburgo, e dentro em pouco em Paris, por todo o solo imortal e glorioso da França, mais tarde em Berlim, para a punição final de Hitler e da sua horda de bárbaros desvirilizados, todos nós estamos e estaremos, para redimir o Homem e dignificar a Justiça, a Razão e o Direito.

Essa cruzada ligou indissolavelmente o sangue e a alma das Nações, numa confraternização que é a maior e a mais legítima de toda a história universal. Ingleses, americanos, russos, franceses, belgas, holandeses, noruegueses, brasileiros, australianos, homens de todas as raças e de todos os países, cerram fileiras na segunda frente, lutam pela vida e pelo futuro de seus filhos, querem tomar parte, ardentemente, nesse instante único do mundo, que é o começo de uma era nova.

A França foi escolhida para marco inicial dessa arrancada épica, na qual todos são generais, todos caminham para o mesmo objetivo: - esmagar o nazismo em sua cidadela, escorraçar os hunos das suas casamatas, construídas com o sangue, suor e as lágrimas dos milhões de seres que eles escravizaram.

Glória aos heróis da segunda frente!

Editorial do dia 6 de junho de 1944 - Ano V - Nº 746



## EDITORIAL

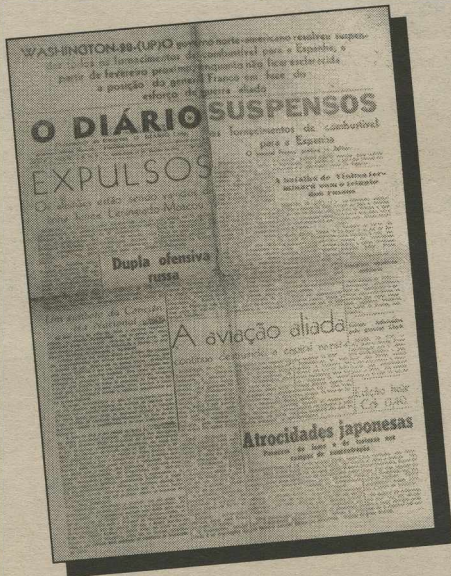
### BARBARIA E SACRILÉGIO

O furor teutônico e o desvario nazista culminaram ontem na perpetração de um crime de barbaria e sacrilégio, contra o Vaticano, sobre cujas edificações veneráveis foram jogadas bombas explosivas. Dois mil anos de civilização cristã, de tradições, de fé e de elevado amor espiritual coroados pelas maravilhas da arte sacra, pelos primores do gênio e pela glória imortal dos heróis do Renascimento, se encerravam no Vaticano, onde os sucessores de São Pedro, através dos séculos e acima das contingências temporais, simbolizavam os mais puros liames do homem com o céu e a eternidade.

O novo atentado dos asseclas de Hitler surge aos olhos das nações com todas as agravantes da premeditação e da bestialidade. Desde a invasão da Itália pelas forças aliadas, que o Papa Pio XII ordenara minuciosas providências a fim de preservar a neutralidade do seu sólio, procurando afastar das fronteiras do patrimônio da Igreja, o fragor dos combates que se teriam de ferir pela posse de Roma. Entretanto, as hostes germânicas principiaram por ocupar ostensivamente os domínios eclesiásticos, desrespeitando a letra dos avisos e cartazes dispostos em todos os edifícios, igrejas e monumentos situados no âmbito do Vaticano. Sua Santidade, o Papa e seu colégio cardinalício estiveram e ainda se encontram em penoso estado de constrangimento, sob custódia aparentemente benigna de um general de Hitler. E nesse instante, quando os nazistas atingiram o paroxismo do seu ódio e do seu desespero, não sabemos que destino terão dado àqueles que tratavam como uma espécie de reféns, para utilizá-los ao seu modo no momento da fuga e da derrota.

O bombardeio do Vaticano deve ser encarado como o prelúdio da nova série de crimes que o nazismo, com os seus dias contados, já sem forças para enfrentar os exércitos de Montgomery, na Itália e as divisões russas, no Dnieper, possivelmente perpetrará nos países ocupados, na tarefa sinistra de destruir as obras que a civilização européia legou à humanidade.

Editorial do dia 6 de novembro de 1943 - Ano V - Nº 578



**EDITORIAL**

**INTEGRALISMO E TRAIÇÃO**

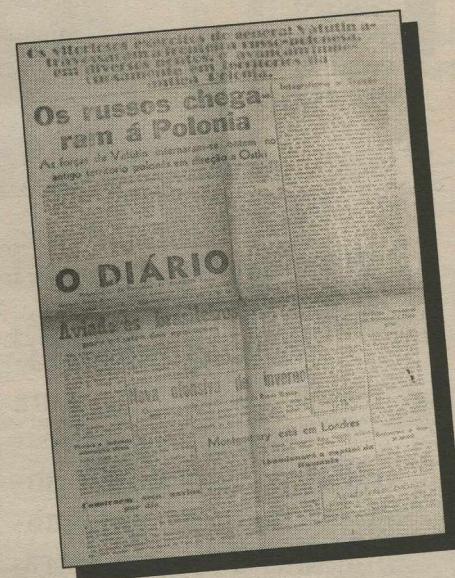
A florescência tropical do nazismo, no Brasil, foi uma aventura cômica de lunáticos e despeitados que, sob o cartaz de Ação Integralista, distribuíram crachás, folhetos e medalhinhas, tentando competir em publicidade com certos produtos farmacêuticos da classe da cafaspirina. O chefe desses pantomimeiros era um romancista falhado, que logo macaqueou Adolfo Hitler, arranjando um bigodinho ridículo e cercado-se de uma chusma de assexuados que trataram de parecer-se com Goebbels, Goering, Rodolfo Hess e outros epígonos do nacional-socialismo alemão.

O povo brasileiro não ligou importância a esses "camelots" de feira que se elogiavam mutuamente pelas colunas de um jornal adquirido com o dinheiro da embaixada do Reich. Mas, quando, após alguns ensaios de cordão carnavalesco, a malta de camisa verde pretendeu ridicularizar os símbolos mais respeitáveis do nosso civismo, anunciando que ia transformar a letra do Hino Nacional e substituir a Bandeira, o orbe estrelado pelo sigma que era uma contrafação da cruz swástica, o povo reagiu e obrigou o integralismo a recolher-se aos bastidores, a tirar a camisa verde e a esconder suas medalhas e condecorações.

Naquele tempo, bastaram os assobios do povo e algumas vaia oportuna para que os integralistas se retirassem do gramado, calados e tristes como um "team" de futebol depois de apanhar uma surra espetacular.

Hoje, esses comediantes que tremeram de medo quando lhes pediram contas do que pretendiam, querem vingar-se do Brasil aparcando-se aos seus antigos senhores, e procuram vingar-se traindo a nossa Pátria, servindo aos interesses do inimigo, ajudando, como ajudaram, os submarinos alemães em sua tarefa sinistra nas costas brasileiras. Por isso, todas as conspirações que a Polícia tem descoberto contra o nosso esforço de guerra, a espionagem que procura assenhorear-se da situação das nossas Forças Armadas, os manejos de treição ao Brasil, têm nos integralistas auxiliares constantes, pois o integralista continua a agir na sombra, como os reptis e as hienas. As suas idéias, os seus gostos, as suas opiniões sobre a guerra, são totalitárias. Sempre desejaram eles a vitória alemã, sempre quiseram eles que o nazismo e o fascismo derrotassem as Nações Unidas. Covardes! A esta hora, quando os vingadores se acham às portas do galinheiro nazista, quando os russos, os americanos, os ingleses, os canadenses, os franceses livres, e daqui a pouco as forças expedicionárias brasileiras, pisarem o solo alemão e arrancarem da fortaleza maldita a bandeira dos corsários e dos carrascos de Hitler, esses integralistas ainda batem as asas-----com saudades dos campos de concentração onde pretendiam torturar as liberdades do Brasil.

Editorial do dia 4 de janeiro de 1944 - Ano V - N° 623



**EDITORIAL**

**UM SÍMBOLO DA CONSCIÊNCIA NACIONAL**

Há dois anos, na data de hoje, o governo brasileiro rompia as relações diplomáticas com os países do eixo, atendendo assim ao clamor uníssono do nosso povo, aos seus anseios mais legítimos de Liberdade e Justiça, ao sentimento nacional de soberania e dignidade.

Sempre ecoam em nossas almas os brados das vítimas dos torpedeamentos dos navios mercantes brasileiros, que em tarefa de paz singravam os nossos mares, protegidos pela nossa bandeira e por leis internacionais vilmente desrespeitadas pelos corsários nazistas. Esse crime em que os inimigos da civilização tantas vezes reincidiram, mereceu a mais viril repulsa de todos os patriotas, de todos os homens que, nas-

cidos em uma pátria livre, querem a continuidade dos privilégios morais e políticos conquistados pelos nossos maiores.

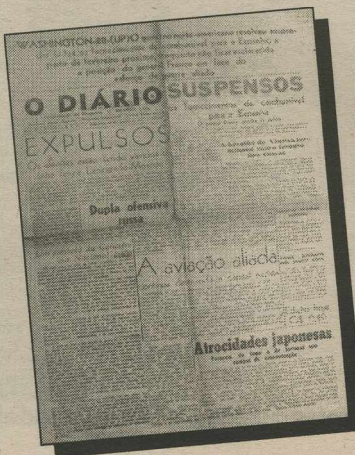
A maior demonstração de que os verdadeiros brasileiros não desejam ser escravos ou acólitos de regimes messiânicos, foi a revolta que sacudiu os nervos e os corações da nossa gente, que, antes de qualquer afronta do banditismo nazista, já combatia espiritualmente ao lado da Democracia, contra o totalitarismo e os seus hediondos apaniguados.

A data de hoje é um marco da nossa fé, é um símbolo da nossa consciência nacional, cristalizada nas reivindicações que amamos desde o alvorecer do nosso pensamento e que se acham profundamente

enraizadas em nossa história. Os inimigos do Brasil, aqueles que, vendidos a Hitler, pretendiam desviar os rumos do nosso destino democrático e forçar o país a compactuar com a aventura nazi-fascista, tudo fizeram para sufocar a indignação nacional que pedia que o sangue dos brasileiros sacrificados fosse vingado exemplarmente. Os integralistas, cujo nacionalismo pervertido e hipócrita encobria a espionagem e o quinta-colunismo ignóbeis, procuraram justificar a tragédia dos torpedeamentos e riam-se, os covardes, dizendo que o governo deveria calar-se e deixar que os nossos barcos se despedaçassem, sem um protesto, contra os torpedos dos submarinos criminosos.

Demos-lhes, entretanto, a resposta, em um prazo que estremeceu aos nazistas, aos fascistas e aos integralistas. A espionagem enviada pelo Reich para orientar as "tropas de choque" dos ridículos camisas-verdes, está justando contas com o Tribunal de Segurança Nacional. E, no segundo ano de guerra em que o Brasil marcha ao lado das Nações Unidas, a vitória surge em todos os horizontes e o povo brasileiro, como um só homem, contribui com o seu esforço para esmagar os carrascos da humanidade livre.

Editorial do dia 28 de janeiro de 1944 - Ano V - N° 642



MEMÓRIA VETERANO DA II GUERRA CONTA SUAS LEMBRANÇAS E FATOS OCORRIDOS DURANTE OS COMBATES NA ITÁLIA PELA FORÇA EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA

# Guerreiros potiguaros

Adriana Amorim  
Repórter do DN Educação

"Foi uma experiência muito válida, uma demonstração de defesa, não somente do nosso patrimônio, mas da nossa terra, da nossa pátria, das suas instituições democráticas e, sem dúvidas, da sua honra". Essas palavras, ditas pelo norte-rio-grandense veterano da Força Expedicionária Brasileira, Cleantho Homem de Siqueira, sintetizam bem a importância da participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial.



O veterano de guerra, Cleantho Homem de Siqueira com seu acervo de materiais trazido dos combates durante a II Guerra Mundial



Entre as relíquias de Cleanto, um capacete de soldados alemães e uma granada, ambos trazidos clandestinamente, durante a viagem de volta para casa

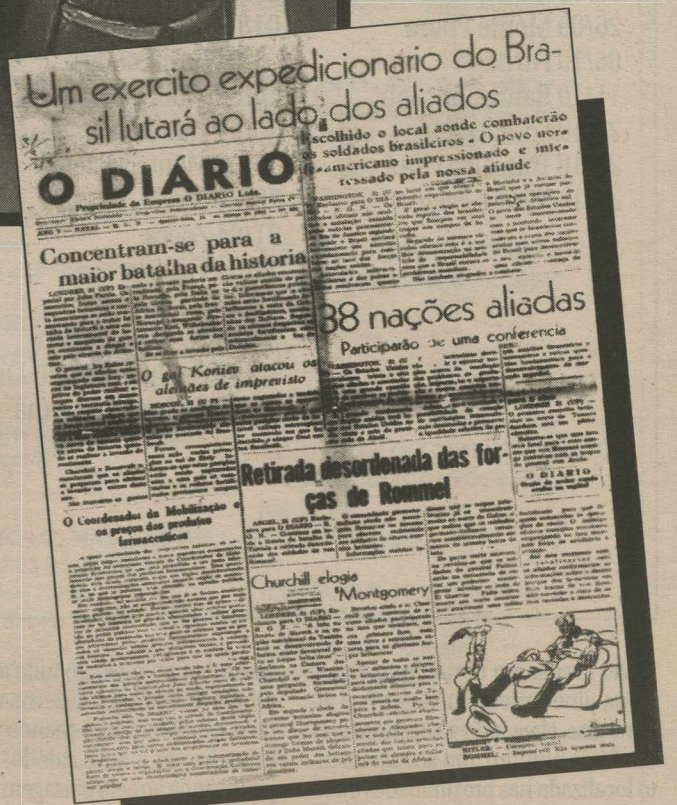
E foi justamente pela ofensa à honra da nação que o Brasil entrou na batalha. Em represália ao rompimento de relações diplomáticas do Brasil com os países do Eixo, anunciado ao final da Reunião de Chanceleres do Rio de Janeiro, em 28 de janeiro de 1942, vários navios mercantes brasileiros foram torpedeados por submarinos alemães.

A partir daí, houve uma forte mobilização popular em favor da entrada do País na Segunda Guerra Mundial para lutar ao lado dos Aliados contra o nazi-fascismo. Foi então que o governo brasileiro declarou guerra à Alemanha e à Itália, em agosto de 1942. A declaração, no entanto, só ocorreu após difíceis ajustes com os Estados Unidos e a Grã-Bretanha, criando a Força Expedicionária Brasileira (FEB), estruturada em agosto de 1943, e comandada pelo general Mascarenhas de Moraes.

Do Rio de Janeiro, o primei-

ro contingente de tropas brasileiras embarcou em 2 de julho de 1944, rumo à Itália. Ao longo dos sete meses seguintes, outros quatro escalões seguiram para o Teatro de Operações, levando ao todo 25.173 homens. Destes, 358 eram combatentes potiguaros. Cleantho Homem de Siqueira foi um deles. Autor do livro "Guerreiros Potiguaros: o Rio Grande do Norte na Segunda Guerra Mundial", o então 3º Sargento conta detalhes da participação brasileira no combate contra alemães e italianos na Itália.

Ele compôs, junto com mais 5.242 homens, o terceiro escalão de embarque, que saiu em 22 de setembro de 1944, chegando em Nápoles, na Itália, duas semanas depois. "Foram 14 dias no mar com a perspectiva de encontrarmos submarinos alemães. Uma viagem marcada por tensões e pela falta de conforto", lembrou.



## A NOTÍCIA

Em suas primeiras edições, o **DIÁRIO** noticiou a formação da Força Expedicionária Brasileira, que contou com a participação de soldados norte-rio-grandenses





## PERSONAGENS DA NOTÍCIA

Pertencente a uma família que tem prestado relevantes serviços à cultura do Estado, Cleantho Homem de Siqueira é natural de Natal, onde nasceu a 20 de dezembro de 1922. Em 1939, aos 17 anos, como atirador da Companhia Quadros, tornou-se reservista de segunda categoria. Em 1942, retornou àquela Unidade onde concluiu com aproveitamento os cursos de Cabo e Sargento.

Em novembro desse ano, por contingência da guerra, foi convocado para o serviço ativo do Exército, sendo incorporado no 16º Re-

gimento de Infantaria em Natal. Em 1944, incluído no 11º Regimento de Infantaria de São João Del Rei/MG, Cleantho partiu, em 22 de setembro de 1944, para o Teatro de Operações da Itália, integrando a Força Expedicionária Brasileira. Naquele País, Cleantho participou de diversos combates, inclusive os de Monte Castelo, Montese, Castelnuovo e Collecchio.

Em 17 de outubro de 1945, o expedicionário Cleantho teve a emoção de novamente pisar em solo pátrio, de regresso da Itália. Em 1973, Cleantho atingiu a chamada "com-

pulsória", deixando o Exército.

Em seguida, chegou a prestar eficientes serviços à Universidade Federal do Rio Grande do Norte até 1991, quando implantou e dirigiu a Divisão de Atividades Desportivas. Foi também presidente da Comissão Estadual de Moral e Civismo.

Atualmente, Cleantho profere palestras em colégios, clubes sociais e organizações militares, abordando com frequência temas sobre civismo, com destaque para a participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial, enfatizando a atuação da FEB.

## VITÓRIAS DA FEB

### 1944:

16/09 Massarosa  
18/09 Camaiori  
26/09 Monte Prano  
06/10 Fornacci  
11/10 Barga Galicano  
24/10 Somocollona  
25/10 Trassilico Verni  
28/10 Monte Faeto

### 1945:

21/02 Monte Castelo  
23/02 La Serra  
04/03 Santa Maria Viliانا  
05/04 Castelnuovo  
14/04 Montese  
15/04 Paravento  
19/04 Monte Maiolo  
20/04 Rivela  
21/04 Zocca  
23/04 Vignola  
27/04 Collecchio  
29/04 Fornovo de Taro  
30/04 Captura da 148ª Divisão de Infantaria Alemã



Ao chegar em terras européias, a tropa ainda precisou viajar por alguns dias, chegando ao destino final, em 14 de outubro: um acampamento localizado nas proximidades da cidade de Pisa. "Lá, nós descansamos por um tempo, e seguimos ao primeiro ataque, que foi o de Monte Castelo. Nas palavras de Cleantho Homem de Siqueira, o desembarque "foi um fracasso, devido a diversos fatores negativos, entre eles o clima gelado e chuvoso". Quase dois meses, depois, no dia 12 de dezembro, uma nova investida ao ataque de Monte Castelo. "O Castelo continuou com toda a sua potência; mais um fracasso nosso".

Doze dias depois o inverno havia chegado, possibilitando ao veterano

Cleantho, no meio de toda a tensão proporcionada pela Guerra, um momento diferenciado, quando viu pela primeira vez a neve caindo. "De repente, toda aquela paisagem que estava negra ao anoitecer parecia um lençol branco na madrugada. Aquela, de acordo com informações, foi o inverno mais denso e mais perigoso até então", ressaltou o militar.

Nesse período de inverno, a guerra parou. "Aconteciam somente pequenas batalhas entre as patrulhas inimigas. Os verdadeiros combates só vieram a recomeçar em fevereiro, com o início da primavera", explicou o veterano.

Foi quando, em 21 de fevereiro de 1945, mais um combate foi planeja-

do ao Monte Castelo. "Com tudo ao nosso favor, nós conseguimos prender muitos alemães e tomar o Castelo". A partir daí, a Infantaria Brasileira seguiu para Montese, onde, em 14 de abril, novamente as tropas alemãs foram desalojadas. "Este, sem dúvida, foi o combate mais sangrento e mais demorado da nossa história na Guerra, sendo três dias de atividades".

Para Cleantho Homem de Siqueira, a participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial terminou no dia 28 de abril, já que, antes dessa data, ainda ocorreram muitos combates, entre eles os de Castelnuovo e Collecchio.

Durante o período de 239 dias em que esteve empenhada em missões

de guerra, enfrentando o inimigo no Teatro de Operações da Itália, a Força Expedicionária Brasileira registrou 432 mortos, entre Oficiais, Subtenente, Sargentos, Cabos e Soldados; 28 desaparecidos, entre Sargentos, Cabos e Soldados; 2.722 feridos e acidentados, totalizando 3.187 homens. As perdas relativas ao Exército e a Força Aérea Brasileira, na campanha da Itália, acrescidas dos mortos e desaparecidos da Marinha de Guerra e da Marinha Mercante, no decorso da Segunda Guerra Mundial, chegaram a atingir um total de 1.407 brasileiros mortos.

Sobre a participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial, Cleantho Siqueira diz ser motivo de orgulho

para todos os veteranos e dos cidadãos brasileiros. "Além de ter sido uma batalha sangrenta, violenta, nós, veteranos, nos orgulhamos muito de ter participado da Força Expedicionária Brasileira. O que muito nos ajudou foi o fato de sermos jovens. O jovem é valente, entusiasmado com a vida".

Muitas vezes questionado se enfrentaria novamente uma guerra, Cleantho é enfático ao garantir que sim. "Muitos dos meus colegas, hoje, são homens doentes, pois não cuidaram da saúde, mas alguns, como eu, que estou prestes a completar 82 anos, ainda têm força que daria para enfrentar, não a um Monte Castelo, nem a uma Montese, mas uma batalha pequena".

**INDICAÇÃO**

# FEB NA HISTÓRIA



**A FEB POR UM SOLDADO**

Joaquim Xavier Silveira  
Editora Nova Fronteira

**A ESTRATÉGIA DOS ALIADOS NA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL**

Heitor de Almeida Herrera  
Biblioteca do Exército Editora

**CAMPANHA AO NORDESTE DA ITÁLIA**

Narrativa do QG do IL Corpo do V Exército Americano  
Biblioteca do Exército Editora

**100 VEZES RESPONDE A FEB**

General José Machado Lopes  
Editora Gráfica Polar Ltda - RJ

**COM A FEB NA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL**

Braulio Ferraz  
Gráfica Editora Liceu Ltda. - Recife / PE

**CRÔNICA DA GUERRA NA ITÁLIA**

Rubem Braga  
Biblioteca do Exército Editora

**DEPOIMENTO DE OFICIAIS DA RESERVA SOBRE A FEB**

Vários Oficiais R/2  
IPÊ - Instituto Progresso Editorial S.A. - SP

**DE SÃO JOÃO DEL REI AO VALE DO PÓ**

Tenente Gentil Palhares  
Gráfica Diário do Comércio - São João del Rei - MG

**200 CRÔNICAS ESCOLHIDAS**

Rubem Braga  
Círculo do Livro

**EXPEDICIONÁRIOS SACRIFICADOS NA CAMPANHA DA ITÁLIA**

Aluizio de Barros

Indústria Gráfica "Bruma" - RJ

**FREI ORLANDO - O CAPELÃO QUE NÃO VOLTOU**

Tenente Gentil Palhares  
Biblioteca do Exército Editora

**HISTÓRIA DA ARMA DE ENGENHARIA - CAPITULO DA FEB**

General Aurélio de Lira Tavares  
Imprensa Universitária da Paraíba

**HISTÓRIA ORAL DO EXÉRCITO NA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL**

Depoimentos  
Biblioteca do Exército Editora

**MEMÓRIAS - 2 VOLUMES**

Marechal João Batista Mascarenhas de Moraes  
Comandante da Força Expedicionária Brasileira  
Biblioteca do Exército Editora

**A NOSSA SEGUNDA GUERRA - OS BRASILEIROS EM COMBATE 1942-1945**

Ricardo Bonalume Neto  
Editora Expressão e Cultura

**AS DUAS FACES DA GLÓRIA - A FEB VISTA PELOS SEUS ALIADOS E INIMIGOS**

William Waack -  
Editora Nova Fronteira

**MEMÓRIAS**

Marechal J.B.  
Mascarenhas de Moraes  
Biblioteca do Exército Editora - Vol 1

**1939 - VÉSPERA DE GUERRA**

Hélio Silva

Editora Civilização Brasileira

**A MARINHA MERCANTE NA SEGUNDA GUERRA - RECORDAÇÕES DE SUA LUTA**

Herbert Campbell -  
Editora Record

**UM VÔO NA HISTÓRIA**

Nero Moura  
Fundação Getúlio Vargas

**A FEB POR UM SOLDADO**

Joaquim Xavier da Silveira  
Editora Nova Fronteira

**MEMÓRIAS DE UM SOLDADO**

Ernani Ayrosa da Silva  
Bibliex

**O MARECHAL MASCARENHAS DE MORAES E SUA ÉPOCA**

General Meira Mattos  
Biblioteca do Exército Editora - Vol 1

**GUERRA EM SURDINA**

Boris Schnaiderman  
História do Brasil na 2ª Grande Guerra  
Editora Brasileira

**O MARECHAL MASCARENHAS DE MORAES E SUA ÉPOCA**

General Meira Mattos  
Biblioteca do Exército Editora - Vol 2

**MEMÓRIAS**

Marechal J.B.  
Mascarenhas de Moraes  
Biblioteca do Exército Editora - Vol 2

**MONTESE MARCO GLORIOSO DE UMA TRAJETÓRIA**

Coronel Adhemar Rivermar de Almeida  
Bibliex

**GUERRA EM SURDINA- HISTÓRIA DO BRASIL NA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL**

Boris Schnaiderman  
Editora Brasiliense

**SEGUNDA GUERRA MUNDIAL - TODOS ERRARAM, INCLUSIVE A FEB**

Joel Silveira  
Espaço e Tempo

**O BRASIL E A 2ª GUERRA - TESTEMUNHO E DEPOIMENTO DE UM SOLDADO CONVOCADO**

João Falcão  
Editora UNB

**A LUTA DOS PRACINHAS - A FORÇA EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA - FEB NA 2ª GUERRA MUNDIAL**

Joel Silveira e Thassilo Mitke  
Apresentação de Rubem Braga  
Editora Record

**CRÔNICAS DA GUERRA NA ITÁLIA**

Rubem Braga  
Editora Record

**GUERRA SEM GUERRA - A MOBILIZAÇÃO E O COTIDIANO EM SÃO PAULO DURANTE A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL**

Roney Cytrynowicz  
Editora Edusp

Ivanizio Ramos



# O DN e a escola

**A** própria razão de existir do Diário de Natal justifica a sua importância histórica para a nossa comunidade. Em 1939, era real o perigo de expansão do nazifascismo. O jornal nasceu para mobilizar a cidade e mostrar ao seu povo que era preciso resistir à crueldade que varria a Europa e ameaçava todo o Mundo.

Pela sua localização estratégica, Natal teria um papel decisivo no resultado da Segunda Guerra Mundial, porque daqui partiriam as tropas norte-americanas para o combate no Velho Mundo.

Pelo patriotismo que os movia, os jornalistas Rivaldo Pinheiro, Djalma Maranhão, Aderbal de França e Waldemar Araújo decidiram fundar um veículo de comunicação que lutasse pela liberdade e a soberania do país.

De 1939 até 1945, nossa capital viveu anos de grande efervescência. Sem jamais perder o vínculo com as nossas raízes e a identidade cultural preservada, Natal avançou com a presença america-

na e ganhou uma nova dimensão no Brasil.

Já se vão 65 anos e o exemplo dos seus fundadores faz do Diário de Natal um jornal consolidado e atento aos problemas, não só da capital como de todo o Rio Grande do Norte. O Mundo mudou e a evolução tecnológica foi acompanhada pelo Diário de Natal, sem, no entanto, esquecer dos ideais que a ele estão atrelados desde o nascimento.

Sou leitora do Diário de Natal antes de entrar na vida pública. E reconheço que o jornal sempre adotou uma postura de vanguarda na defesa dos maiores interesses do Estado. Há um ano e oito meses como governadora, cito dois exemplos de que a nossa luta pelo desenvolvimento do Rio Grande do Norte mereceu o apoio do Diário. Tão logo tomei posse, encontrei parada a obra do Aeroporto de São Gonçalo do Amarante, que será o maior terminal de cargas da América Latina. Estratégico para o nosso futuro. Garanti junto às autoridades federais o reinício dos serviços e

aqui contei com a cobertura jornalística incansável do Diário de Natal.

Mais recentemente, obtive do Governo Federal e da Petrobrás a garantia da retomada das obras da Termoaçú, em Alto do Rodrigues, outro empreendimento vital para a economia do Estado e que também vem tendo no Diário de Natal e o DN Educação um importante parceiro.

Quero cumprimentar a todos os que fazem o Diário e o DN Educação, representados pela figura do jornalista Albimar Furtado, ressaltando o significado dos 65 anos de luta e de defesa da liberdade de expressão e de dedicação à educação do Estado.

**\*WILMA MARIA DE FARIA**

**\* Professora e Governadora do Estado do Rio Grande do Norte**

